

McCOOL, G. A. **From unity to pluralism. The Internal evolution of Thomism.** Cornwall: Blackwell Publishing, 2002, pp. 254. ISBN 0-631-21313-9.

por *Paulo Faitanin*

Gerald A. McCool, S.J. é professor de filosofia na Universidade Fordham. É um reconhecido historiador da filosofia neo-escolástica do século XIX e XX. Nesta perspectiva ele publicou obras sobre os principais expoentes destes períodos, como Kleutgen, Liberatore, Rousselot, Maréchal, Gilson, Maritain, Rahner, Lonergan, e outros representantes da filosofia e teologia Segundo a tradição de Santo Tomás.

A presente obra, *From Unity to Pluralism*, que tem o sugestivo subtítulo, *The Internal Evolution of Thomism*, é um estudo detalhado de quatro figuras-chaves: Pierre Russelot, Joseph Marechal, Jacques Maritain e Etienne Gilson. Note-se tratar de pensadores, todos reconhecidamente tomistas, que de um modo ou de outro apresentam oposições entre si.

O autor propõe a tese que da unidade do Tomismo emerge o pluralismo de interpretações, sobre o qual se afirma a própria evolução do Tomismo, especialmente na primeira metade do século XX. Ao longo dos 9 capítulos, McCool desenvolve uma análise das aproximações e distanciamentos de cada autor com o Tomismo e de um autor com o outro, mostrando que a diversidade de análise de todos, parte de algum modo de uma base unitária e comum.

No primeiro capítulo McCool critica a proposta da Encíclica de Leão XIII, *Aeterni Patris*. Argumenta que assim como Tomás integrou o pensamento da Patrística e da Escolástica no seu tempo, os tomistas não devem voltar para uma leitura cristalizada do Tomismo no nosso tempo, senão que devem integrar a filosofia moderna no Tomismo (p. 11).

Creio que a justificativa central para a apresentação de sua tese e do seu respectivo desenvolvimento se encontra na referida alegação, pois se sabe que as tentativas dos jesuítas foi justamente esta: internalizar no tomismo as raízes do idealismo moderno. De fato, nos três capítulos seguintes ele o demonstra através das propostas do intelectualismo metafísico de Russelot (pp. 39-86) e do idealismo de Maréchal (pp. 87-113).

Nos capítulos subseqüentes (5, 6, 7 e 8), dedicados respectivamente a Maritain e Gilson, ele tenta provar que mesmo nestes autores haveria uma natural inclusão do rico pensamento moderno no interior do tomismo herdado da tradição. Em especial, dedica-se no caso de Maritain para falar de

sua epistemologia, dando destaque à doutrina da intuição, como sendo um legado próprio da modernidade que presta grande serviço aplicado à doutrina tomista do conhecimento (pp. 114-160).

Sabe-se do quanto Maritain influenciou Bernard Lonergan com relação a esta teoria da intuição. Sabe-se, do mesmo modo, que qualquer tentativa de minuciosa fundamentação desta doutrina em Santo Tomás, sem a devida aproximação com a doutrina da abstração ou dos primeiros princípios é totalmente vã. O autor talvez se esqueça que a doutrina tomista do conhecimento depende muito mais de Aristóteles do que de Platão e mesmo de Santo Agostinho. Querer, pois, fundamentar a intuição em Tomás tomando em conta só a influência platônica-agostiniana é temerário, pois desconsidera o que lhe é essencial: a teoria da abstração e a do intelecto agente.

O ponto central da consideração de Gilson está na proposta de uma filosofia cristã e na mudança de consideração acerca da noção de ser (pp. 161-199). Aqui o autor estabelece novamente como de uma mesma doutrina de um autor, como Tomás de Aquino, apresenta plural emergência interpretativa. De fato, McCool destaca o que o próprio Gilson já havia deixado claro nas últimas edições do seu *L'Être et l'essence*, de que não havia entendido a força do conceito de ser na doutrina metafísica tomista. Sem dúvida, vê-se claramente nesta mudança de postura em Gilson a influência das pesquisas de Fabro sobre este assunto.

Ele conclui (pp. 200-234) que a diversidade ou o pluralismo de interpretações encontram suas autênticas raízes na doutrina personificada e inequívoca de Santo Tomás de Aquino. Segundo o autor foi esta base comum que possibilitou e justificou a evolução interna do Tomismo na primeira metade do século XX. Como resultado desta emergência do pluralismo, dentro do próprio sistema unitário tomista, se deu, por exemplo, o desenvolvimento independente das teologias de Karl Rahner e de Bernard Lonergan, como uma explosão do pluralismo e a crise da nova teologia.

Trata-se de um livro que por seu teor histórico e sistemático deve ser lido atentamente, fazendo obviamente algumas concessões e outras não. Uma das que não pode ser feita é a interpretação equívoca do efeito negativo da *Aeterni Patris* e a de que este documento propunha aos estudiosos cristãos um isolamento na doutrina tomista, sua cristalização e não abertura. A única coisa que este documento mais fez foi justamente isso: voltar a Tomás e a partir dele dialogar com o mundo.